

# O PROFESSOR SUJEITO DA EJA: UMA ESCUTA PSICANALÍTICA

*Maria de Lourdes Ornellas (UNEB)\**

- Titia, diga-me alguma coisa, estou com medo porque está muito escuro.  
— O que isso adiantaria, já que você não pode me ver?  
— Não faz mal: quando alguém fala fica claro.  
(FREUD, 1905)

## RESUMO

Este estudo revela a necessidade de engendrar a formação do professor sujeito da Educação de Jovens e Adultos de maneira que afeto e saber estejam amalgamados para que o aprender desse aluno se presentifique em ato. Este professor se constitui na falta, lugar não preenchido. Para engatar uma conversa sobre o que esse título dessa escritura sugere, faz-se relevante dizer que não se é professor, mas torna-se professor sujeito da EJA, práxis que se principia tal como o grafite e o papiro nas mãos da criança quase adulta: começa com as garatujas, em seguida estas dão lugar a rabiscos em que se observam algumas formas e, depois, imagens, que são representadas. Constitui-se de uma pesquisa em andamento e após a análise, os resultados serão revelados, na tentativa de socializar as contribuições dessa pesquisa com vistas à melhoria da educação e de modo singular o processo de formação do professor sujeito da EJA, que tem demandado novas reflexões. Penso que esse estudo não poderá dizer tudo, mas seu registro autentica o que escapa, o que tropeça no Real do professor-sujeito, posto que onde havia o escuro, a fala faz advir o claro, e este se esconde no significante professor sujeito da EJA.

**Palavras-chaves:** Professor. EJA. Aluno. Ensinar e aprender.

## ABSTRACT

### THE SUBJECT TEACHER OF ADULT EDUCATION: A PSYCHOANALYTIC READING

This study reveals the need to engender the subject of teacher training and adult education in ways that affect and are amalgamated to know that student learning presents in this act. This constitutes the teacher shortage, a place not filled. To engage a conversation about what the title suggests this scripture, it is important to say that there is a teacher, but becomes the subject of adult education teacher, who begins practice such as graphite and papyrus in the hands of almost-adult children: begins with the scribbles then give rise to

---

\* Doutorado em Psicologia da Educação – PUC-SP. Professora de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Líder de Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Educação e Representações Sociais. Pesquisadora do campo da subjetividade na Formação Docente no CIERS-Ed da Fundação Carlos Chagas. Psicanalista. Autora de diversos livros na área de educação e psicanálise. E-mail: [ornellas1@terra.com.br](mailto:ornellas1@terra.com.br)

these scribbles some notes on it and then forms images that are represented. It consists of an ongoing study and after analysis, the results will be revealed in the attempt to socialize the contributions of this research in order to better education and a unique way the process of forming the subject of adult education teacher, who has demanded new thinking. I think that this study can't say everything, but her record authenticates the leaking, which stumbles in Real-subject teacher, since where there was dark talk is the clear result and this hides the significant subject teacher of adult education.

**Keywords:** Teacher. EJA. Student. Teaching and learning.

## RESUMEN

### EL PROFESOR SUJETO DE LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS: UNA ESCUCHA PSICANALÍTICA

Este estudio revela la necesidad de engendrar la formación del profesor sujeto de la Educación de Jóvenes y Adultos de manera que afecto y saber estén amalgamados para que el aprender de ese alumno se haga presente en acto. Este profesor se constituye en la falta, lugar no ocupado. Para comenzar una conversa sobre lo que ese título de esa escritura sugiere, es relevante decir que no se es profesor, pero se torna profesor sujeto de la Educación de Jóvenes y Adultos, praxis que se principia tal como el grafito y el papiro en manos del niño casi adulto: empieza con los garabatos, enseguida éstos dan lugar a trazos en que se observan algunas formas y, después, imágenes, que son representadas. Se constituye de una pesquisa en andamiento y tras el análisis, los resultados serán revelados, en la tentativa de socializar las contribuciones de esa pesquisa con el fin de promover la mejoría de la educación y de modo singular el proceso de formación del profesor sujeto de la Educación de Jóvenes y Adultos, que demanda nuevas reflexiones. Pienso que ese estudio no podrá decir todo, pero su registro autentica lo que escapa, lo que tropieza en lo Real del profesor-sujeto, ya que donde había el oscuro, el habla hace advenir el claro, y éste se esconde en el significante profesor sujeto de la Educación de Jóvenes y Adultos.

**Palabras clave:** Profesor. EJA. Alumno. Enseñar y aprender.

Este estudo revela a necessidade de engendrar a formação do professor sujeito da educação de jovens e adultos (EJA) de maneira que afeto e saber estejam amalgamados para que o aprender desse aluno se presentifique em ato. Este professor, na travessia de ser sujeito, se constitui na falta, lugar não preenchido. Por ser faltante, esse professor é um sujeito falante. Kupfer (2000) diz:

“antes, o professor parecia saber o que falava ao sujeito. Hoje, pensa falar com um

objeto. E se desespera porque não consegue ensinar nada para este suposto objeto.” Descartes inaugura o cogito *penso, logo existo* e Lacan o subverte: *Penso aonde não sou e existo aonde não sou pensado*. Parafraseando Descartes, é possível pensar que o professor-sujeito de EJA é aquele que *pen-sa, sente, logo ensina* e seu saber é não-todo posto que pensa que seja fácil dar conta de alunos que principiam seu aprender após o tempo estabelecido (há um tempo afixado) pelos parâmetros desenvolvimentistas. É na matriz simbólica da fala que o professor-su-

jeito nomeará seus afetos na relação transfe-rencial com o aluno-sujeito que é nomeado de EJA. Lacan (1978) diz que essa relação enoda “aquele a quem o sujeito endereça sua fala (...)”. Esse estudo principia uma pesquisa que pretende escutar o que diz o professor sobre seu desejo de professor-sujeito, duas posições que precisa ocupar na sala de aula sustentada noagalma, letra grega definida por Lacan (1971) como “objeto de desejo, brilhante, galante (...)”, brilho em que reluz o claro e o escuro do professor sujeito da Educação de Jovens e Adultos.

## A constituição do professor sujeito da EJA

Com vistas a tomar conhecimento dos objetivos que regem a EJA, encontro com a letra da autora e corroboro com sua construção teórica. Assim posto a autora discorre:

Para ser professor sujeito da Educação de Jovens e adultos (EJA) necessita-se ter como marco fundante três objetivos básicos: Ajudar o aluno a enfrentar as novas demandas educativas que as mudanças acarretam; Favorecer o entendimento do mundo em que vivem para transformá-lo; Possibilitar aprendizagens a partir das experiências concretas, promovendo a construção de valores e a conquista da autoestima dos sujeitos alfabetizando. (MATOS OLIVEIRA, 2007, p.33).

A fala da autora reveste-se de sentido na medida em que o professor sujeito da EJA mostra demandas educativas para que este aluno avance, em busca de delinear o entorno em que vivem na contemporaneidade e, por conseguinte, mediar o aprender, considerando que este aluno precisará do seu engendramento no exercício laboral. Por outro lado, o professor é um sujeito socio-cultural carregado de subjetividades múltiplas (DAYRELL, 2001; NÓVOA, 1995), que vive no espaço sócio cultural da escola (DAYRELL, 2001). A omissão das políticas

públicas desconsidera, por outro lado, que os sujeitos da EJA (professores e alunos) são protagonistas de um processo (BRANDÃO, 2008), portanto merecedores de uma atenção no ensinar e aprender. No entanto, em nome de uma suposta igualdade o modelo hegemônico de cultura escolar desconsidera a diferença e produz mais exclusão e desigualdade.

A perspectiva interdisciplinar propõe que o ensino cartesiano seja rechaçado na dimensão de que o aluno no processo de alfabetização deve ser reconhecido na condição de trabalhador, indagando: quais as competências e saberes que a escola precisa dominar para a EJA? Talvez essa questão seja pensada no esforço de exercitar de que maneira nasceu o significante professor sujeito.

Precisamos também indagar: que competências, conhecimentos, saberes e habilidades deve ter um professor sujeito da EJA? Dantas (2016, p.141) compartilha que “os conhecimentos dos professores são originados a partir de sua visão pessoal, de sua experiência na carreira, de sua visão de mundo e de sociedade, da troca de informações e das interlocuções com os demais colegas de profissão”. Para Arroyo (2006) ainda não temos parâmetros para delinear um perfil do educador de jovens e adultos, e poder definir com clareza como deveria ser a sua formação, isso porque o campo da EJA está em permanente construção e estabelecer características rígidas e parâmetros oficiais para esse educador seria engessar esse professor sujeito.

É pela escuta cuidadosa dos sintomas presentes revelados no aluno sujeito da EJA presente no mal-estar na escola, que se faz preciso olhar a sala de aula, o pátio, a cantina, o banheiro, a entrada e a saída do aluno, para que se possa escutar o que o aluno fala, o que incomoda, o silêncio o ruído, o prazer

e o desprazer do seu processo de aprender. Esse mundo desejante, que habita diferentemente em cada sujeito, estará sempre preservado cada vez que um professor renuncie ao controle e aos efeitos de seu poder sobre o aluno.

## Como Lacan se tornou lacaniano na formulação da sua teoria sobre o sujeito?

Lacan nasceu em 1901, época em que pelo menos três gênios Freud, Marx e Nietzsche transformaram os destinos do pensamento moderno. Nasceu em Paris, Cidade Luz, um dos braços da cultura ocidental, frequentou o colégio Stanislaw, reduto dos filhos da burguesia francesa, trilhou a carreira médica, que o conduziu ao Sainre-Anne e ao encontro dos médicos como Clérambault, Pichon, Henry Ey e Lagache. E, como se não bastasse, um círculo de intelectuais e artistas o acolheu: em 1932, os Surrealistas, sobretudo Crevel e Dalí, e a amizade que os uniu ao hegelianismo francês, ao encontro de Heidegger e, assim lembra Roudinesco, Lacan foi marcado pela leitura da obra deste amigo, pela participação em suas atividades, o que lhe permitiu enriquecer as próprias investigações, e através dele, conseguiu fazer uma nova leitura de Nietzsche, superpondo-a à da adolescência, sendo assim orientado pelo amigo na compreensão dos textos de Sade, fato que interferiu, posteriormente, na sua formulação não freudiana sobre o gozo. A partir das reflexões de Bataille, chegou ao conceito de Real como resto e como impossível. Como se não fosse suficiente, entre 1933 e 1939, abriram-se luzes de sabedoria advindas de Sartre, Simone de Beauvoir, Picasso, Merleau Ponty e do encontro com Lévi Strauss.

Percebo, assim, que, quando esboço algumas inscrições do sujeito Lacan, identifi-

co seu ponto de partida, seu ponto original para daí principiar a falar do sujeito da psicanálise, e aqui nesse escrito, de professor sujeito da Educação de Jovens e Adultos.

## Conceito de sujeito e o discurso do professor sujeito

Essa relação de desconhecimento é constituinte do sujeito e permite articular várias rotas possíveis para se pensar a cultura e a civilização, seja na arte, na ciência, na educação, na política ou nas relações professor-aluno. A noção do inconsciente ainda é estranha à educação, pois é difícil conviver com a ideia de que possa existir um saber do qual nada se sabe.

As bases filosóficas da contemporaneidade estão assentadas em indagações permanentes, que envolvem o professor sujeito e o enigma essencial desse sujeito é a pergunta: quem sou eu? Essa pergunta se estrutura simbolizada em um nó e isso nos remete ao conceito do Nó Borromeu<sup>1</sup>, em que os registros do real, do simbólico e do imaginário se enodam e estruturam o sujeito, dando sustentação ao desejo e à falta. Para que a escuta do Nó Borromeu se presentifique nesse estudo, vale pontuar esses construtos, enredando o Real como o elo que não se pode simbolizar, escapa, existe e faz furo no sentido. O Simbólico é o registro da fala, é o que pode ser nomeado, e sua singularidade é que não se pode dizer tudo, enquanto que o Imaginário é especular, é fantasia, tem a ver com a imagem. É na educação que o docente se vê enodado pela representação desses

1 Nó borromeu - Lacan utilizou esses conceitos em 1953, constituídos do real, simbólico e imaginário. São três elos enodados de tal forma que se um se rompe, os demais se soltam. O nome borromeu ele espelhou-se no brasão das famílias borromeas da Itália. No seu Seminário RSI conclui dizendo que o sujeito é estruturado nessa tríade.

três elos, mesmo sabendo que algo precisa ser mudado, referenciado frente às demandas da sociedade contemporânea.

O discurso do professor sujeito não é mais vazio, mas empregnado de sentidos. Em certa medida, alguns professores se apropriam do conhecimento e quantos alunos se alimentam e bebem desse processo de transmissão quando não comem e gozam desse prazer intelectual e da angústia do aprender. O real, o simbólico e o imaginário docente expressam o discurso e a estrutura do sujeito no processo de ensinar e aprender, revelam que esse processo tem as marcas fundantes das figuras parentais, as quais contribuíram para a relação transferencial entre professor aluno. A topologia (Real, Simbólico e Imaginário) expressa o enodamento de cada elo aqui neste escrito explicitado.

Para falar de EJA é preciso discorrer sobre a naturalização de um discurso da desigualdade que sempre caracterizou esse segmento. Para falar de EJA é preciso criticar a inadequada atuação das políticas educacionais que não consideram a necessidade de investimento de recursos humanos e materiais, bem como o atendimento às necessidades dos alunos. Para falar do sujeito professor de EJA é preciso refletir sobre a pálida atuação da universidade que não quer sair da sua pesquisa exclusivamente diagnóstica para alcançar o patamar de pesquisa propositiva e, desta forma, instalar caminhos para a reorganização curricular nessa modalidade de ensino, mais coerente com a realidade cultural dos alunos (MOTA; OLIVEIRA, 2009).

Para falar de EJA é preciso abordá-lo numa perspectiva psicanalítica, a partir do conceito de castração. Lajonquière (1992, p.215) diz que o conceito da castração pode ser articulado da seguinte maneira: “A castração coloca a criança na posição de sujeito

do desejo, desejante de (re)encontrar o objeto perdido e, portanto, condenado a buscar aquilo que (lhe) falta (no Outro)”. Deste modo, a castração implica a permanência do circuito do desejo em que o sujeito busca o objeto de sua completude, o qual está irremediavelmente perdido. Para ele, o ser humano não nasce sujeito. É por meio da imagem do eu corporal como unidade que o sujeito vai se constituir. A função do espelho é referida à constituição da imagem no sentido de estabelecer uma relação do organismo com sua realidade.

Implica a ideia da aquisição de uma imagem corporal que advém da relação com um outro semelhante. O contexto do reconhecimento pela criança de sua própria imagem é estruturante para a identidade do sujeito e esta vivida em uma relação narcísica e imaginária com o outro, que coincide com a entrada no Complexo de Édipo, o qual estrutura o acesso do sujeito ao simbólico e o inscreve no lugar de ser desejante. Essa experiência é vivida de modo singular para cada sujeito e implica um corte, uma separação na relação dual, cuja consequência é um sujeito marcado pelo enigma do desejo. Essa conceituação de sujeito faz com que Lacan fale em sujeito como essencialmente dividido, o sujeito que possui um semi-dizer, ou seja, seu dizer não é todo, posto que restará sempre o que dizer. Esse sujeito dividido é o que não corresponde ao estabelecido pelo cogito cartesiano, e como fala Ornellas (2005): “o sujeito se estrutura na lógica do sujeito barrado, ou seja, ele é assujeitado pela lei fálica para suportar a angústia da falta.

Sabemos que o *sujeito*, para a psicanálise, é o *sujeito do desejo* e que se manifesta nas formações do inconsciente, ou seja, através dos sonhos, sintomas, enganos, esquecimentos, lapsos, atos falhos etc. O saber do inconsciente escapa ao sujeito, quando

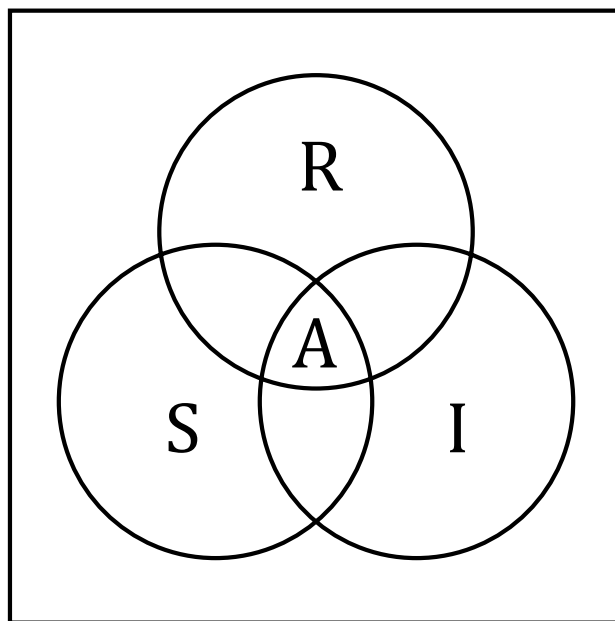
ele fala. O inconsciente é também, o discurso do Outro. O objeto do desejo é o objeto do desejo do Outro, e o desejo é sempre desejo de outra coisa, que é o que falta ao objeto primordialmente perdido e que, portanto, não pode ser preenchido por nenhum objeto. Este registro da *castração*, que mantém professor e aluno em busca do saber sobre seu desejo, acontece junto com a *transfêrência*, uma das condições presentes para que a educação cumpra seu papel (ORNELAS, 2005).

A vida escolar, como uma extensão da vida familiar, reforça a predisposição psíquica do aluno para essas reedições de afeto, estabelecidas na relação original, transferidas para a relação com o professor e que, se bem manejadas, podem servir de mediadoras do conhecimento. O reconhecimento de que, no domínio do saber, tal como no domínio do desejo, algo escapa ao sujeito, ao seu controle, pode ressignificar a prática educativa de forma criativa, pois temos a possibilidade de enfrentar o mal-estar da EJA com menos insatisfação. Saber que o ato educativo se instaura no vazio que o professor deixa nas brechas de seu ensino, ao que lhe escapa, pode apontar para articulações importantes do enlace entre a psicanálise e educação e provocar questões de aprofundamento a respeito do próprio processo educativo no mundo contemporâneo, reveladoras de complexos laços sociais estabelecidos entre os sujeitos. Isso não significa, entretanto, psicanalizar a educação, mas apreendê-la na perspectiva de uma fala e uma escuta, em busca de uma concepção mais profunda a respeito do próprio processo educativo.

A apreensão da noção de professor sujeito e dos demais conceitos implicados pode constituir-se em dificuldades para o professor, pois exige o entendimento de que, no ato educativo de ensinar e aprender há algo que

a subjetividade humana revela e que envolve mais do que o cognitivo: que somos seres incompletos, que há falhas em nossas relações, há furos em nosso saber e que estamos em incompletude. E isso, em certa medida, a pedagogia parece não querer ver, pois envolve o desejo de cada um, que é singular e que supõe o sujeito do inconsciente, constituído na trama da linguagem, que envolve o dizer e o não-dizer em que, tanto o professor como o aluno, se tecem sujeitos.

Kupfer (2000, p.129) coloca: “ser sujeito implica um jeito próprio de ser, marca de sua singular maneira de enfrentar a impossibilidade de ser”. Assim, a conexão da psicanálise com a educação, que leva em conta o sujeito na relação com o Outro, fornece um balizamento das ações do professor, modificando sua relação com o aluno, exercitando uma nova maneira de lidar com as situações do cotidiano da sala de aula, através de uma nova fala e de uma escuta.



O reconhecimento da realidade psíquica e das fontes libidinais do desejo de saber pode ampliar a intervenção mediadora do professor, ao criar, para o sujeito, a demanda de busca do conhecimento, mobilizando o desejo do aluno e levando em conta a in-

completude do sujeito, ajudando-o, assim, a encontrar sentido no que vê, ouve, fala ou lê, sem perder de vista que o sujeito do conhecimento é, também, o sujeito do desejo, que surge na falta e o impulsiona a aprender. Esse olhar psicanalítico, que desvela nas tramas do desejo o equívoco, o tropeço, pode constituir-se em novas possibilidades sobre as questões educacionais e o papel desempenhado pelas práticas educativas, na constituição e no devir do sujeito.

Tanto ensinar como aprender é um ato de desejo. Entre o sujeito que ensina e o sujeito que aprende na EJA há um movimento dinâmico que envolve fios reais, simbólicos e imaginários, por vezes (in)visíveis na trama relacional e que são próprios da constituição da subjetividade. Professor-sujeito pode ser um manejo realizado em sala de aula, ora é falta, ora é presença, ou seja, embaça e clareia o saber que transmite, pensa que sabe o que diz, porque tem a pretensão de saber sobre sua própria vida e a do outro, mas confessa que, quase não sabe e indaga: quem é esse sujeito que, marcado pela divisão não sabe o que diz, não ilumina, quando algo é dito pela palavra que faz gozo na falta? É possível responder a indagação pela via da pesquisa que ora se principia: O estudo do tema, no seu cenário natural, busca escutar o sujeito da falta na dimensão em que este tem um saber não sabido, ou seja, que se insere na incompletude, podendo-se dizer que a falta sustenta o desejo, e que somente se deseja aquilo que é falta.

## **Tijolo por tijolo num desenho (i)magético**

A investigação tem como locus uma Escola Pública Estadual de Ensino Médio que abriga jovens e adultos situada na região central da Cidade de Salvador-Bahia. É uma escola

de fácil acesso para uma boa parte dos pesquisadores do projeto, os quais parecem ter uma sensibilidade para receber propostas que façam avançar o ensinar e o aprender.

Constitui-se de uma pesquisa qualitativa que se tece na concepção de ANDRÉ, 1986). Os sujeitos da pesquisa serão em número de 30, sendo 15 do sexo masculino e 15 de sexo feminino, com idades que variam de 25 a 35 anos. Estes são professores de várias disciplinas, selecionados pelo critério do desejo em participar da pesquisa, o que não os dispensa de assinar o Termo de Consentimento. Esse critério do desejo torna-se relevante pela natureza do objeto em estudo, em que professor e aluno estão em inter-relação, enlaçados de forma cognitiva, afetiva e social.

Os instrumentos de coleta de dados aplicados serão: observação, entrevista e desenho. A observação em campo tentará obter informações sobre determinados aspectos da realidade, utilizando o caderno de campo com registros descritivos detalhados do que é manifesto e latente na fala dos sujeitos. Lakatos e Marconi (2008) pontua que se faz necessário: “identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (p. 79). Pretende-se observar uma aula por semana de cada professor, num total de 10 horas por sujeito, na perspectiva de assinalar nos registros as diversas expressões de sua fala, de seu corpo, de seu olhar, de sua voz, através de seu jeito próprio de agir, que o distingue dos demais, nos locais onde se dão as ocorrências.

Segundo Ludke e André (2007, p. 26): “A observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”. Na medida em que se acompanham as experiências do sujeito no cotidiano da sala de aula, torna-se possível a apreensão dos significados que eles atri-

buem às ações ligadas a essas experiências e os novos aspectos envolvidos nelas. Para tanto, será usado um caderno de registro das observações contendo na margem um espaço para anotações gerais ocorridas durante as observações.

Os pesquisadores ficarão na sala de aula em local previamente estabelecido com o(a) professor(a), fazendo suas anotações sobre o processo transferencial entre professor aluno, sem qualquer participação na dinâmica da aula. A entrevista é um instrumento fundante da coleta de dados, no que se refere à investigação científica. Gesta relatos de biografias, experiências, opiniões, valores, atitudes, afetos (ORNELLAS, 2008, p. 29). A entrevista permite uma interação entre entrevistador e entrevistado, favorece respostas espontâneas e, também, possibilidades de trocas afetivas, facilitadoras ou não. Além disso, permite ler, nas entrelinhas do di do discurso, lapsos, atos falhos, silêncios, pausas, reticências, possibilitando a captação imediata da informação desejada, através do fluxo natural da conversação, em que o sujeito se expressa em um clima de confiança, estabelecido ao longo da interação. O entrevistador deve fazer um esforço inicial para estabelecer um contato no qual o entrevistado sintá-se à vontade para falar livremente.

O desenho, enquanto atividade simbólica das imagens criativas, mostra-se um valioso canal de expressão e serve de suporte para os conteúdos representativos, possibilitando uma leitura deste universo onde se encontra subjacente o fenômeno estudado. O desenho, pode-se dizer, é uma produção significativa, cujo estatuto de imagem pede uma escuta, como a palavra. Para a Psicanálise, o desenho é uma escrita e tem, portanto, uma função de palavra, um caráter singular, único na história do sujeito.

Após a coleta, as categorias descritivas e interpretativas serão construídas as categorias de análise, a partir daí, será feita a análise dos dados com o suporte da Análise do Discurso inspirada na abordagem de (ORLANDI, 2005, p. 98), para trilhar o terreno escorregadio do uso da linguagem na expressão das ideias que devem ser decodificadas, para que o material advindo dos instrumentos de coleta de dados seja analisado, levando em consideração o direito e o avesso do texto, bem como o que está nas entrelinhas, no silêncio, nos atos falhos dos discursos dos depoentes.

Após a análise, os resultados serão revelados na tentativa de socializar as contribuições dessa pesquisa com vistas à melhoria da educação e, de modo singular, o processo de formação do professor sujeito, que tem demandado novas reflexões. No lugar de pesquisadora pergunto: não seria esse enlace do professor-sujeito que constituiria esse professor sujeito da EJA? Penso que esse estudo não poderá dizer tudo, mas seu registro autentica o que escapa, o que tropeça no Real do professor-sujeito, posto que onde havia o medo e o escuro a fala faz advir o claro e este se esconde no significante professor sujeito da EJA.

Para engatar uma conversa sobre o que esse título dessa escritura sugere, faz-se relevante dizer que não se é professor, mas torna-se professor sujeito da EJA, práxis que se principia tal como o grafite e o papiro nas mãos da criança quase adulta: começa com as garatujas, em seguida estas dão lugar a rabiscos em que se observam algumas formas e depois imagens que são representadas e simbolizadas. Lacan diz que cada sujeito constrói sua subjetivação em três tempos lógicos: tempo de ver, compreender e concluir; assim posto, peço licença ao mestre para parafraseá-lo, quando marco o tempo (i)lógico



do professor: o tempo de advir, tempo de decifrar e tempo de nomear. O primeiro tempo fala das primeiras inscrições do exercício, quando advém o desejo de experimentar, a sala de aula é a corda bamba, um véu, ainda não tem forma, tamanho e cor. No segundo tempo, o decifrar tem a conotação de que há algo que se insinua, há um desvelamento do seu lugar de professor, do seu processo laboral, da relação professor aluno. O terceiro tempo se presentifica pela relação pulsional de nomear. Nesse tempo, o professor faz um salto, porque se autoriza professor, registra na lousa sua nomeação e escuta ser chamado de professor por seus pares, e um número de alunos e, nesse momento, o seu endereço é o sujeito suposto saber. Essas letras falam da nomeação para explicar que o sujeito atribui um saber ao analista e para aqueles que estudam o enlace Psicanálise e Educação inscrevem que o aluno vê no professor um sujeito que acumulou um saber e que pode tirar todas as suas dúvidas.

Para se ter esse professor sujeito na EJA na ambiência da escola faz-se fundante pensar e sentir o que diz um professor sujeito: O cultivo da natureza pela arte humana, exige uma terra fértil, um lavrador competente e uma semente de boa qualidade. Esse dizer me faz pensar que ser professor parece que deve passar por esses três tempos: advir a terra fértil, decifrar a formação sustentada no investimento afetivo e intelectual, e nomear que o grão pode germinar. Freud, na sua obra não se dedicou de modo específico a educação, embora tenha sido um crítico severo das práticas exercidas nas escolas de sua época. Ele disse algo singular a esse respeito no seu escrito: O futuro de uma ilusão, ao pontuar a necessidade de uma educação enengendradora com a educação, a qual consistiria em revelar para a criança que a realidade externa é fundante, mas também se deve

levar em conta a realidade psíquica, ou seja, o desejo. Essa proposta de Freud foi nomeada por Lacan de Educação para o Real, esse Real faz parte da tríade borromeica: Real, Simbólico e Imaginário em que o Real escapa, o Simbólico é a linguagem e o Imaginário se encontra com a fantasia.

Enquanto dialogo com meus alunos na Universidade tanto a nível de graduação com na Pós-Graduação me interrogo na minha solidão se é possível fazer presentificar-se na EJA um outro nível de discurso, e que seja enlaçado com o desejo? É possível uma aprendizagem do inconsciente? Parece que essas questões desembocam no fenômeno da transferência comprometida com a ética. Na universidade o professor não deve deixar de desvelar novas práticas teóricas e epistemológicas. Mas não perder-se no intra e extra muros da Universidade para encontrar o que lá não está. Inspirado em Montaigne, Descartes constrói as bases da metafísica do sujeito no século XVII e este advento epistemológico deixou marcas fundantes na filosofia ocidental, nesse tempo a filosofia do sujeito foi inaugurada pelo significante razão até o século XIX. No momento em que Descartes anuncia o cogito penso logo existo cunhou essa inscrição no pensamento e na filosofia de Descartes, na medida em que estaria entre os pólos e entre o sujeito.

Enquanto pesquisadora indago: nessa época alguma coisa era dito que se aproximava do professor da EJA? Talvez esse fato tenha contribuído para principiar mecanismos de defesa que possam ajustar a denegação do desamparo do professor sujeito do EJA. Um passeio pela obra de Lacan e seus conceitos é que a definição de significante implica o termo sujeito e, pelo avesso, a definição de sujeito implica o termo significante. Os dois construtos só se definem de forma amalgamada. Nessa construção, o

novo sujeito de Lacan encontra-se seduzido a enlaçar seu próprio desejo mesmo sabendo que há uma barra que cifra o gozo na dissemetria libidinal entre fantasia e pulsão.

As últimas décadas do século XX foram marcadas pela falta de pulsão na palavra do outro, pode-se afirmar o anúncio de um certo desenho que tem forma e cor de ceticismo. A palavra utopia que foi enodada pelo real, simbólico e imaginário do contexto ocidental, desde a Revolução Francesa, saiu da letra escrita, da letra falada e da luta do sujeito no mal estar da civilização. O ideário de felicidade prometida pelo Iluminismo o qual o sujeito teria a condição de organizar uma sociedade próxima da igualitária desde quando pudesse ter o domínio da razão modelada na ciência, obscureceu e esse fato parece expressar o desamparo em que o sujeito se vê enredado.

Nessa lógica, Birman (2005) analisa que não é por acaso, certamente, que assistimos nos dias de hoje a um vigoroso processo de reenvangelização do mundo, através do qual se retorna à religião como busca de proteção face ao desamparo. Busca-se assim, uma visão de mundo reasseguradora que possibilite proteção ao sujeito frente ao medo do indeterminado e ao acaso. A concepção de sujeito defendida neste escrito é aquele marcado pela psicanálise: sujeito clivado, da falta, do desejo, dividido a falta o objeto a causa de desejo emerge o que perdeu. Tenta se aproximar desse objeto, o vê, mas esse objeto escapa. O sujeito deseja ter e no lugar da falta que se montam os andaimes da estrutura, da qual cada sujeito pode apossar-se. Há uma falta, indicada pela noção de Coisa que Freud nomeou de Das Ding, que Lacan retira do texto do Projeto (1895) e eleva à categoria de conceito, dando-lhe o estatuto de causa irreduzível do desejo. Este, tanto para Freud como para Lacan, esta articulada à

Lei. Lei aqui entendida não como uma prescrição moral, mas a Lei da castração, que nomeia o simbólico, fundada no real da satisfação plena do desejo. Lei e desejo são as duas faces da mesma moeda. Safouan (1996) diz: se o desejo é a carne, a lei é o osso. Pode-se acrescentar que das Ding opera como eixo em torno do qual se constitui o advento do sujeito como corpo e ser falante.

Portanto, a ciência pretende apreender o real do gozo, mas esse real que está no campo do impossível, escapa ao saber e sobre o gozo mantém-se o não saber. O discurso da ciência torna o sujeito mestre, na medida em que o desejo que lhe eleva ao mesmo tempo o decai. Vale aqui trazer o discurso do professor sujeito, este endereça e adereça uma inquietação ao aluno que tenta uma aproximação do saber que perpassa a Educação de Jovens e Adultos. É possível dizer que o sujeito endereça ao Outro o lugar e posição de mestre, para buscar nesse sujeito saber (Sss) o saber que ele não tem. O professor sujeito faz semblante que sabe e por estar nesse lugar de saber faz a transmissão do saber para os jovens e adultos.

O fato de que nesse escrito fala-se de forma recorrente em sujeito vale pontuar que o vocábulo latino *indivium*, pode ser pensado como indivisível. Do ponto de vista lógico, individuo é um ser representado por aquele que admite predicados. Do ponto de vista biológico individuo é um ser vivente. Quem atende pelo menos de sujeito? O vocábulo sujeito que vem do latim *subjectum*, cuja principal conceito foi cunhado por Aristóteles, se estrutura na subjetividade. Na busca de se escutar no espaço da sala de aula, parecidos com a fita de Möebius<sup>2</sup> em que o movi-

2 Fita de Moebius — Uma fita de Moebius é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar mais-volta numa delas. Deve o seu nome à August Ferdinand Moebius, que a estudou em 1838. La-

mento de cara e coroa se desfaz, porque não há borda e sim uma continuidade na mesma superfície. O professor docente se vê perguntando: por que o aluno, quando tropeça na aquisição do saber, não confessa que algo precisa ser reiniciado? É uma queixa que se revela no campo do saber, na transferência, no sintoma e, assim, professor e aluno da EJA articulados na incompletude, buscam uma forma de encontrar uma saída para o mal-estar da contemporaneidade, no qual ambos podem se posicionar em dois atos: na superfície ou mergulhados no ato de ensinar e aprender.

## Discurso do professor sujeito da EJA ancoram o ato de ensinar e aprender

O discurso do professor sujeito faz ato com a palavra que faz laço com o ensinar, aprender que compõem o ato de aprender. No papel de sujeitos cognitivos, afetivos e sociais, o professor brinca de fort-da<sup>3</sup> porque há um desejo de que sua presença e sua ausência provoquem faltas e suas representações são costuradas tanto por conteúdos conscientes como por processos inconscientes.

O sujeito do conhecimento é também o sujeito do desejo, que surge na falta e o impulsiona a aprender. Esse olhar psicanalítico que desvela nas tramas do desejo o equívoco, o tropeço, pode constituir-se em novas possibilidades sobre as questões educacionais e o papel desempenhado pelas práticas educativas, na constituição e no devir do sujeito. Tanto ensinar como aprender é um ato de desejo. Entre o sujeito que ensina e

o sujeito que aprende há um movimento dinâmico que envolve fios reais, simbólicos e imaginários, por vezes (in)visíveis na trama relacional e que são próprios da constituição da subjetividade.

O analista escuta o enigma e professor-sujeito escuta o mal-estar ora é presença, ou seja, embaça e ora clareia o saber que transmite, pensa que sabe o que diz porque tem a pretensão de saber sobre sua própria vida e a do outro, mas confessa que quase não sabe e indaga: quem é esse sujeito que marcado pela divisão não sabe o que diz, o que é dito pela palavra que faz gozo na falta?

O discurso pedagógico do professor sujeito da EJA constrói uma noção de alunos que tiveram um corte no processo de desenvolvimento no processo de escolaridade. O que ocorre, todavia, é um transbordamento, um retorno de uma verdade na falha de um perceber que a mestria falha, como aliás, qualquer discurso, em sua pretensão totalizadora. Um transbordamento que só pode surgir como mal-estar, tanto advindo do professor sujeito como do aluno da EJA. Após o apanhado geral dos resultados da pesquisa, é possível que se aponte para resultados complementares. Em geral a escuta da formação docente não se revela de maneira linear, não são tão iguais, se diferenciam no tom, no tempo, na altura e no modo singular que cada um sabe escutar. Quando o docente se predispõe a escutar o aluno sobre essa temática ousa dizer que a temática não é tão nova para ele, e por saber que a escuta sobre sua formação docente se engendra em outras escutas de forma diferenciada e essa escuta se engendra na pesquisa na tentativa de escutar o professor e o aluno EJA que por sua vez observa-se outras formações discursivas que num dado momento as escutas dessa formação se encorpam e fazem na sala de aula, no mato e na parede da escola numa

can fez uma releitura dessa fita e a utilizou para falar do dentro e do fora na relação com o inconsciente.

3 Fort – da - Par simbólico que simboliza presença x ausência que Freud utilizou com uma criança de 18 meses para explicar noção apenas o princípio do prazer e do princípio da linguagem.

sinfonia que pode fazer eco. A condição do professor sujeito na escola pode acender uma luminária para os alunos com inibição da aprendizagem, fenômeno que ocorre no EJA. É uma luminária que expressa o claro e o escuro e ao mesmo tempo desvela o saber possível, este foi interdito num dado momento do seu desenvolvimento. Resgato o diálogo de um jovem e um adulto na epígrafe que principia esse artigo e convido EJA a não ter medo do escuro, posto que esta fala pode clarear o entre-lugar que limita o ensinar e o aprender, posto que quando alguém fala fica mesmo claro?

## Referências

- ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In SOARES, Leôncio (Org.) **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006, p. 17-32.
- ANDRÉ, M.; LUDKE, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: UPU, 1986.
- BIRMAN, J. **O mal estar na atualidade: a psicanálise a as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.
- BRANDÃO, Carlos. A educação popular e a educação de jovens e adultos: antes e agora. In: MACHADO, Maria Margarida (org). **Formação de Educadores de Jovens e Adultos. II Seminário Nacional**. Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008. p.17-56.
- DAYRELL, J. . A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. (org.) Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 136-161.
- DANTAS, Tânia Regina. Formação em EJA: o Programa de Mestrado Profissional como uma proposta inovadora de inclusão social In DANTAS, Tânia Regina; AMORIM, Antonio; LEITE, Gildeci de Oliveira (Orgs.) **Pesquisa, formação, alfabetização e direitos em educação de jovens e adultos**. Salvador: EDUFBA, 2016, p.131-150.
- FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- KUPFER, M.C. **Educação para o futuro; psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2000.
- LACAN, J. **O Seminário 20. Mais ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LAJONQUIÈRE, L. **De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 6º Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MOTA, Kátia M. Santos; MATOS OLIVEIRA, Maria Olívia de. **Inquietações, questionamentos e perspectivas na formação docente em Educação de Jovens e Adultos**. Anais do 19º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, oito de julho de 2009.
- NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- MATOS OLIVEIRA, Maria Olívia Matos. **Educação de jovens e adultos. Pesquisa e realidade**. Salvador: Egba, 2007.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.
- ORNELLAS, M.L.S. **Afetos manifestos na sala de aula**. São Paulo: Annablume, 2005.
- SAFOUAN, Moustapha. **O mal estar na psicanálise**. Campinas: Papirus Editora, 1996.

*Recebido em: 19/11/2018  
Aprovado em: 15/12/2018*